

O ORNITORRINCO ESCOLAR E O OFUSCAMENTO INDÍGENA

Edilson Ribeiro Silva¹

Resumo: Este artigo discorre sobre o papel da escola frente a implantação da temática indígena, buscando fomentar uma discussão da importância do repasse das informações do papel desempenhado pelo índio na história do país. O corpus tem, embasamento teórico em Nestor Canclini, João Pacheco, Roque Laraia, entre outros. Neste estudo ainda é evidenciado o ofuscamento escolar em relação ao processo histórico que modelou a cultura indígena, destacando os pontos-chaves para a distorção do conhecimento crítico do aluno com relação aos nativos na história. Aponta-se que os conhecimentos adquiridos em sala de aula a respeito dos ameríndios moldam o entendimento dos discentes, provocando uma visão estereotipada e simplória do desenvolvimento do Brasil, desta forma estabeleceu-se uma dicotomia entre o índio e a sociedade. Por fim, são apontados argumentos sobre a aplicação, nos currículos escolares, da lei 11.645/8, de modo a criar o desejo de (re)construir o papel do nativo na formação do Brasil.

Palavras-chaves: Ensino. Índio. Lei.

Atualidade: a necessidade do ensino de história indígena e a aprendizagem do aluno.

O século XX, foi palco de uma série de acontecimentos que modificaram o cenário da sociedade brasileira, seja na economia, na política ou na educação. Dessa forma povos que foram silenciados em um processo de negação na sociedade passaram a lutar em busca de garantias, travando grandes discussões com o Estado e apontando a sua importância para as tradições, crenças, valores políticos e culturais, mostrando assim, sua seriedade para a construção de mais uma identidade brasileira.

Alguns movimentos sociais e, entre eles, o indígena são de inestimável importância para que possam acontecer mudanças no Brasil. A partir disso, surgem inquietações às vezes a favor, outras adversas a esses movimentos. Essas contradições despertaram o interesse pela busca da origem dos conflitos. Então, porque ainda existe a dicotomia entre a sociedade e o indígena? O aparelho educacional tem a finalidade de preparar o indivíduo para a sociedade, e porque faz isso excluindo os índios de nossa história?

A escola com seu papel educador começa suas instruções sobre o ‘descobrimento do Brasil’ tratando o índio de forma prematura, e ainda não consegue ter um abarcamento eficaz sobre esse assunto, uma vez que, com aquele pensamento

retratado em alguns livros didáticos e a não evolução dos mesmos sobre os índios, continua arraigada a imagem de 1500, fazendo com que os alunos tenham automaticamente um entendimento adverso sobre o que é visível atualmente.

Educação branqueada, mentes escurecidas.

A educação brasileira é herdeira dos moldes jesuítas que consistia em mascarar as práticas da colonização e substituir costumes nativos, por meio da imposição do modelo português. Esse sistema de formação se perpetuou até os dias de hoje e nossas crianças continuam recebendo o mesmo tipo de educação.

Em pesquisas feitas em duas escolas públicas do município de Paulo Jacinto-AL, foram coletados dados importantes para entendermos a ineficácia da escola e comprovar que os conteúdos ministrados ao aluno do ensino fundamental são bem semelhantes ao do ensino médio, fazendo com que as informações sejam estanques, não evoluindo a cada turma ou abordagem. Desse modo, para comprovar o entrave frente aos estudos da temática indígena temos que levar em conta o que os alunos sabem sobre o assunto.

Em entrevistas com 27 alunos do 9º ano do ensino fundamental e 24 do 3º ano do ensino médio pôde-se notar o quanto a escola paralisou, pois os conteúdos são bastante semelhantes nos dois níveis de ensino. E ao perguntar o que eles sabem sobre os índios as respostas são basicamente as mesmas. Sobre isso o entrevistado nº 1 responde que:

Vivem em grandes grupos, em tribos, são diversas atividades diárias que eles têm. Suas características é morenos de diferente tamanho, eles descobriram muitas coisas que hoje utilizamos. Eles descobriram o fogo e como se faz. Andam nu [sic], depende da caça para sobreviver, tem seus rituais, pode ter várias mulheres. O índio tem cabelos bons, mora nas florestas, sua língua geralmente é o tupi guarani, foram os primeiros povos que moraram no Brasil.

Nas entrevistas, os alunos expõem em poucas palavras o que sabem sobre os índios do atual Brasil, a partir da provocação sobre qual a situação do indígena depois de 500 anos de contatos com outros povos. A maioria dos entrevistados (alunos do 3º ano) deu a mesma resposta, podendo ser resumida na fala do entrevistado nº 1.

Nesse sentido, pode-se enfatizar depoimentos que são de fundamental importância para entender o quão pouco os alunos sabem sobre os índios. É o relato de alunos do ensino médio que diz:

Os índios eram muito trabalhadores, eles eram politeístas, matavam animais para sua sobrevivência e sua filha era obrigada quando completasse uma idade já tinha que ser mulher com 12 anos, gostava muitos dos seus rituais principalmente a capoeira.

Do mesmo modo, os alunos do fundamental ao serem questionados demonstram inquietações, a feição dos rostos deixa transparecer que desconhecem o assunto, escaparam alguns cochichos, como se estivessem com medo, alguns gritos dizendo ‘índio é preguiçoso!’ ‘não existe mais índio!’ O professor de história que estava presente durante as entrevistas revidou dizendo “e tudo que eu ensinei para vocês? Sentou-se e disse-me baixinho “esses jovens de hoje não prestam atenção em nada.” Passado esse momento inicial, a entrevista fluiu e as falas são sintetizadas através do entrevistado nº 2, :

Eu não sei muita coisa sobre os índios, mais {sic} o pouco que eu sei é que os índios foram os primeiros habitantes do Brasil e que alguns índios usam poucas roupas e que eles caçam as próprias comidas e que eles vivem em aldeias dentro de ocas e que eles vivem livres.

A fragilidade observada no conhecimento dos alunos leva-nos a inferir que provavelmente a escola não acompanhou a evolução dos conceitos nem a discussão sobre a imagem, a identidade ou a história dos primeiros habitantes do Brasil, descumprindo seu papel de promotora da evolução física dos indivíduos. É provável que a escola continua presa no passado como um ornitorrinco que mesmo agregando uma pluralidade de diferenças não evolui e está estacionada e ofuscada pela excessiva luz negra da história branca.

As escolas reproduzem aquela velha visão do índio criada em desenhos animados, filmes e na televisão. Com base nos depoimentos, pôde-se constatar que existe um déficit no ensino da cultura indígena, assim as âncoras que sustentam as informações que falam sobre o índio imaginado ou tradicional do século XVI são as mesmas que ainda hoje estão atracadas nas salas de aulas, perpetuando a visão criada durante os primeiros contatos na época da colonização, fazendo com que os alunos aprendam de forma estática ou atrasada a respeito de algo que tem sofrido mudanças contínuas.

O Brasil está repleto de influências do pensamento europeu, fases escuras causadas por brancos, onde os índios são vistos como povos atrasados ou como desocupados que querem apenas terras. Vale ressaltar, que alguns indígenas são bem

sucedidos, estudam em universidades, tem profissão: são médicos, advogados, professores, jogadores de futebol, ou seja, estão inseridos na sociedade do não índio, no meio que os silenciou diversas vezes e os reduziu no processo de invisibilidade, na tentativa de inibir a autoafirmação e ressurgência étnica.

Daí a afirmação de que o surgimento de uma nova sociedade indígena não é apenas o ato de outorga de território, de “etnificação” puramente administrativa, de submissões, mandatos políticos e imposições culturais, é também aquele da comunhão de sentidos e valores, do batismo de cada um de seus membros, da obediência a uma autoridade simultaneamente religiosa e política. Só a elaboração de utopias (religiosas/ morais/políticas) permite a superação da contradição entre os objetivos históricos e o sentimento de lealdade às origens, transformando a identidade étnica em uma prática social efetiva, culminada pelo processo de territorialização. (OLIVEIRA, 1998, p. 66)

Já não cabe mais, estudar o índio como um ser do passado, é mais viável enxergá-los como são atualmente; comunidades politicamente organizadas que lutam pela retomada de seus territórios, com os quais criaram vínculos (caça, pesca e sepultamentos) de sobrevivência dando-lhe sentido, tecendo seu modo de ser. Para isso, torna-se necessário e urgente que a escola refaça seus conceitos e redefina seus objetivos, dando uma abordagem mais real e menos folclórica as comunidades tradicionais.

É notável e explícita a deficiência no aparelho escolar. Os professores, em sua maioria, não ministram aulas com imagens atuais e pressupostos teóricos fieis para que os alunos possam desenvolver uma mentalidade amadurecida sobre o índio, sem isso, continuarão enxergando de forma errônea, esquecendo do indivíduo que passou por mais de 500 anos de colonização, perseguição e lutas e mesmo assim não perdeu sua cultura e se mantém firme em tempos de intempéries.

A imagem construída do índio pela escola é a mesma retratada nos manuais didáticos, tornando os livros uma discrepância ambulante, mas por ser uma das armas que facilitam o trabalho exercido pelos professores para transmitir conhecimentos aos seus alunos são fontes endossadas pelo governo que fazem as mentiras se solidificarem.

Outro ponto para entendermos essas lacunas expostas pelos alunos é a preparação que eles tiveram dos 6 aos 10 de anos durante o primeiro ciclo (do 1º ao 5º ano) do ensino fundamental, uma vez que os mesmos foram preparados por pedagogos, pessoas que não tem formação específica, desconhecendo assim a temática indígena. Como falar de algo que não conheço? Seria o mesmo que um deficiente visual por a

mão no fogo, pois iria apenas causar danos, a queimadura cicatrizaria, mas as informações distorcidas ou incompletas modificam a realidade, criam ou perpetuam estereótipos e o aluno não exercita ou não cria o senso crítico.

A pedagogia tem uma maneira bem jesuítica de colonizar as mentes das crianças. No dia 19 de abril as professoras do fundamental pintam os rostos dos alunos, põem as músicas temáticas e dançam em círculos, talvez até acreditando que com tais performances ocorre o aprendizado sobre o papel e o lugar do índio na sociedade e na história.

Se a história em quadrinhos mistura gêneros artísticos prévios, se consegue que interajam personagens representativas da parte mais estável do mundo - o folclore - com figuras literárias e dos meios massivos, se os introduz em épocas diversas, não faz mais que reproduzir o real, ou, melhor, não faz senão reproduzir as teatralizações da publicidade que nos convencem a comprar aquilo de que não precisamos, as "manifestações" da religião, as "procissões" da política. (CANCLINI, 1927,p 28)

Muitas escolas continuam enaltecendo, em sala de aula, o índio como personagem folclórico, desvinculando-o da realidade para transformar em teatralizações, assim como muitos fazem com a história em quadrinhos ou com os contos infantis. Desse modo, o ensino de História indígena nas escolas utilizando materiais descontextualizados e desatualizados condena as crianças e viverem uma ideologia bitolada e contraditória, interferindo diretamente na história e na qualidade da educação oferecida ao nosso povo. Assim, precisamos estar cientes de que a presença indígena é bem mais importante, pois ela é a luz para desvendar como chegamos até aqui.

Um novo caminho: analisando a lei 11.645/8

Não foi preciso movimentos para que se instalassem nas escolas a história do branco, do herói, do europeu. Assim, o mundo educacional brasileiro foi criado em um alicerce preconceituoso. Quando os jesuítas construíram as primeiras escolas, elas já nasceram com dupla face, numa segmentação escolar em dois blocos, um para a catequese dos povos indígenas e outro para os filhos dos colonos que eram os colégios e os seminários, vale resaltar que:

Neste período não cabe a denominação de escola indígena, uma vez que esta pressupõe algum nível de participação e protagonismo indígena. Na “escola para índio” a relação é verticalmente de brancos para índios, ou seja, os brancos são os donos e mandatários da escola que impõem processos educativos segundo seus interesses (LUCIANO, 2013,p 1)

Quando surge a ‘escola para o índio’, nasce uma dicotomia entre cores e culturas. Uma educação, influenciada pelo poder da Igreja corporificada nos jesuítas com tentativas de aculturação em um processo contínuo de desvinculação cultural e fundamentos preconceituosos ainda presentes.

Tenhamos consciência do quão importante é ter a história indígena na matriz curricular, pois a luta contra os colonizadores ainda não acabou; atualmente os índios brigam judicialmente por um espaço que pertencia a seus antepassados e que é constitucionalmente garantido.

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (BRASIL, 1988.)

Nota-se, nas falas de políticos, um pensamento retrógrado visto em afirmações como “muita terra para poucos índios”, fica explícito que alguns desses comentários são de pessoas que não sabem da força da cultura indígena no Brasil. É necessário discutir e entender a verdadeira face do colonizador que ao ancorar e por os pés nesta terra, trouxe consigo uma onda de desgraças, que até hoje se apercebe.

Como falar de uma nação brasileira se muitos cidadãos desconhecem a história do Brasil? Como paliativo a este problema, abrolhou a necessidade de criar leis para solucionar as deficiências no ensino, algo possível depois de muito labor. Nesse contexto, surge em 10 de março de 2008 a lei 11.645 alterando o artigo 26-A da lei de nº 9.394/96 que passou a vigorar com o seguinte escrito:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileira.

Através da lei 11.645 de 10 de março de 2008 sancionada por Luiz Inácio Lula da Silva (ex-presidente do Brasil) que obriga as escolas públicas e privadas a acrescentarem em seu currículo o ensino da cultura afro-brasileira e indígena com a intenção de combater o preconceito e minimizar as desigualdades sociais, numa tentativa de renunciar um pouco a história da sociedade branca e começar a expor uma história multicolor e multiétnica que se faz presente na atualidade, apesar de ser ofuscada por pessoas ditas civilizadas, de raças auto afirmadas superiores.

Essa lei foi uma grande conquista para os negros (a cultura Afro já estava sendo ensinada nas salas de aula segundo a lei 9.394/96) e índios; um avanço em direção ao reconhecimento dos indígenas e sua importância fundamental na construção de nossa sociedade, mostrando assim a luta que eles tiveram que travar, para preservar sua cultura.

Mesmo com todas essas mudanças as escolas veem o índio de maneira errônea, dizem trabalhar a temática, mas isso só acontece no dia 19 de abril, pintando e colocando penas e adornos que nada dizem sobre os índios brasileiros. Com isto, as crianças crescem idealizando um indígena viril, nu, com arco e flecha na mão bem ao estilo americano. A nossa atualidade está com um pensamento ofuscado fazendo, com que transformemos a história indígena cumulativa em uma história estacionária, pois ainda não conseguimos nos libertar do que foi encontrado aqui, por Cabral, em 22 de abril de 1500.

Cinco séculos de Odisseia: a imagem do índio atual após o encontro de dois mundos

É dever dos professores discutir com seus alunos, de forma coesa e coerente, o que concerne a história indígena frente à influência colonizadora, destacando que o ofuscamento e o unilateralismo tem raízes na cultura branca. Fazer com que a classe escolar entenda que os europeus não são seres superiores em relação aos índios cria uma atmosfera propícia ao estudo da história do Brasil.

Os portugueses e outros povos que entraram em contato com os ameríndios, transmitiram conhecimentos e costumes, causando uma aculturação má sucedida, geradora do hibridismo cultural, que permitiu ao índio se integrar na sociedade, a partir do fato de estar vestido. A diferença dos homens explica-se por costumes e tradição, necessário dizer que “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”. (BENEDICT *apud* LARAIA, 1995, p. 67).

Desse modo, seguindo o padrão da cultura europeia, o índio contando com uma aliada, a roupa, pôde se camuflar na sociedade, ato que lhe propiciou invisibilidade e resistência, uma vez que estando vestido passou a ser visto como qualquer outro membro da sociedade. Essa camuflagem amortizou os relacionamentos, lhe tornando familiar, evitando perseguições, permitindo erguer uma fronteira religiosa e esta, por sua vez facilitou sua convivência com a sociedade envolvente.

Nenhuma cultura é completamente pura, uma vez que, desde a antiguidade povos diferentes estiveram em contato, trocando informações. O problema de uma cultura achar-se superior a outra (por serem mais belicosos, politicamente fortes e economicamente organizados) está na ideia de civilização, sobre isso Laraia diz que:

(...) cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. (LARAIA, 1976. p. 52)

Sendo assim, pode até não ter cabelos lisos, não falar tupi nem usar arco e flecha, porque ‘o ser índio’ não está nas suas características fisionômicas, na sua língua ou no seu armamento, e sim em sua cultura. Dessa forma, a sociedade só vai ter como discutir a temática indígena, quando aprender a distinguir raça de cultura.

Considerações finais

Até agora, constatamos que, um novo horizonte se abriu para a cultura indígena, silenciada por mais de 500 anos, mas grande parte das escolas brasileiras ainda guarda paradigmas, podendo ser representadas pelo ornitorrinco, um animal de pouca visão (por viver em águas escuras) que não tem função definida (parece pato,

castor e enguia), porém como este animal a escola é assustada pelos poderosos que desrespeitam, caça e destrói a sabedoria, a cultura e a visibilidade.

A escola omitia a tradição nativa e valorizava apenas o que lhe era externo, estavam acorrentadas as âncoras dos navios portugueses, que traziam no seu interior a escravidão, os maus tratos e a opressão ao veio original da sociedade brasileira, engendrando uma imagem do índio como uma doença que precisava ser curada.

Com a atualização do ensino de história incorporando o estudo das tradições indígenas é possível combater os preconceitos desde a base e estudar a história deste país de forma multicultural. Assim os alunos indígenas que estudam em escolas de não índios, vão se auto reconhecendo nos assuntos propostos em sala, tendo um melhor desempenho, a medida que, os não indígenas vão os vendo como semelhantes.

Paulatinamente, com a implantação da lei 11645/08, ocorrerão mudanças nas práticas de alguns professores e alunos, pois verão o exótico como parte do seu ser, deixando de lado o preconceito e a intolerância religiosa, despertando na sociedade um sentimento igualitário, criando oportunidades para que tais professores possam corrigir equívocos e desmistificar teorias e absurdos arraigados na história brasileira.

Todavia, existe a necessidade de fiscalização para ver como tais leis estão sendo aplicadas na prática docente. Pessoas preparadas são necessárias para assumir tal tarefa e serão responsáveis por desconstruir o pensamento obscurecido pela escola ao longo do tempo com suas despreparações. É mister que em complemento ao livro didático sejam utilizados metodologias de aprendizagem cujo embasamento esteja em textos de autores engajados com a causa indígena ou produzidos pelos próprios índios, entre outros pressupostos que possam contribuir para que os alunos aprendam e entendam como este Brasil se formou.

Referências

LUCIANO, Gersem dos Santos. **Educação escolar indígena no Brasil: avanços, limites e novas perspectiva.** Goiânia-GO, 2013.

BRASIL. **LEI n. 11.645, de 10 de março de 2008.** Brasília, março de 2008.
<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10643688/artigo-231-da-constituicao-federal-de-1988>
acessado em 29/09/2015.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos p 28.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987, p 4.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um Conceito Antropológico** Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p 52.

PACHECO, João de oliveira. Uma etnologia dos “índios misturados”? situação colonial, territorialização e fluxos culturais. Rio de Janeiro, 1997 p 66.

ⁱ Graduando em História.

Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL Campus III - Palmeira dos Índios
Membro do Grupo de Pesquisa de História Indígenas de Alagoas. (GPHIAL).
História

E-mail : edilson-ribeiro@hotmail.com.br.